reportagem cultural

Memórias de família



ARQUIVO PESSOAL PETER DULLIUS E FAMÍLIA/REPRODUÇÃO/JC

Rafael Gloria, especial para o JC*

Melissa conta que o pai nasceu em uma família de agricultores em Cruzeiro do Sul, e tinha quatro irmãos. Peter queria estudar, sempre gostou de ler, e encontrou apoio na mãe para deixar a casa onde crescera. Entre as histórias que ouviu, ela guarda a de uma partida com um colchão enrolado. Primeiro, ele foi para um internato na cidade de Estrela e, depois, para Porto Alegre.

"Não sei exatamente qual era a idade do pai quando foi para a Capital. Mas ele tinha algum contato e conseguiu lugar em uma pensão e depois um trabalho na extinta CRT. Ele me contou que tinha uma relação com essa pessoa que ajudou ele, que foi uma espécie de mentor", diz. Melissa não sabe dizer o que levou o pai a escolher cursar Economia. Lembra do trabalho no banco de desenvolvimento do Rio Grande do Sul, ligado ao financiamento de projetos de empresas. Ela aproxima a capacidade do pai de imaginar e construir projetos dessa experiência anterior ao que ele faria depois, no Beco.

Foi em um baile no Vale do Taquari que Peter conheceu Neiva. Casaram-se em julho de 1977. Melissa conta que eles queriam se casar em 7/7/77, mas, segundo ela, tanta gente escolheu aquela data que o casamento ficou para o dia seguinte.

A filha lembra de uma viagem para Alemanha, quando Peter já trabalhava no Badesul. Ela guarda uma fotografia em preto e branco do grupo de estudantes com quem o pai esteve em Stuttgart. A família de Peter era de origem alemã e mantinha no Interior o uso de um dialeto, que ele compreendia. Quando ele foi visitar a filha em Berlim, muitos anos depois, Peter entendia o que ouvia, embora falasse com timidez.

A ideia do Beco dos Livros foi surgindo aos poucos. Quando Gustavo entrou na escola, Neiva queria voltar a trabalhar. Melissa lembra que discutiram outras possibilidades, inclusive um mercadinho, antes de escolher a livraria. "Nós brincávamos de livraria e loja de discos em casa. Acabamos vendendo livros, continuamos quase que brincando", diz Melissa. Os filhos contam que, nos primeiros meses, era a mãe e eles que cuidavam da loja, pois Peter estava saindo do banco. Foi uma transição.

Melissa conta que o pai tinha memória para datas e brincava com a inauguração do Beco, que foi em 29 de fevereiro de 1992: "A livraria, na verdade, não tem tantos anos porque foi ano bissexto", ele costumava dizer.

Os três filhos estudavam no Colégio Rosário. Pelas contas que Melissa faz hoje, as mensalidades, ela acredita, deveriam consumir quase todo o salário do pai. O sebo mudou a situação financeira da família e passou a ocupar boa parte do tempo de todos. "A gente teve uma ascensão com um sebo. Isso é incrível".

Peter e Neiva continuaram trabalhando juntos enquanto se separavam. Melissa prestava vestibular naquele ano e lembra que foi um período difícil. Mais tarde, Neiva se casou novamente e se mudou. Guilherme, o filho mais velho, seguiu trabalhando no Beco, onde segue mantendo o legado de Peter.

ARQUIVO PESSOAL PETER DULLIUS E FAMÍLIA/REPRODUÇÃO/JC



Peter Dullius em viagem pela Europa com a família: Beco dos Livros marcou rotina de todos durante décadas

ARQUIVO PESSOAL PETER DULLIUS E FAMÍLIA/REPRODUÇÃO/JC



Peter Dullius mantinha o hábito de abrir o sebo em fins de semana e feriados

Aptidão para os livros

Os filhos citam um autor de sua formação: Karl May, que leu no internato e de cuja biblioteca afirma ter lido todos os livros. O autor Somerset Maugham era outro escritor bem representado na estante da biblioteca da casa, eles dizem, já antes da fundação do sebo. Dos brasileiros, eles citam Machado de Assis e João do Rio. Também Pitigrilli foi um autor que Peter costumava citar quando lhe perguntavam sobre suas leituras.

O conhecimento do livreiro também se ampliava na prática. Melissa conta a compra de uma biblioteca jurídica que lhe pareceu enorme, com milhares de volumes e obras antigas. Peter se dispôs a entender o conjunto. Era necessário aprender sobre aqueles livros para trabalhar com eles. As viagens para buscar o acervo e o contato com advogados e desembargadores abriram uma área de interesse que passou a atrair novos clientes.

Um deles foi Alexandre Wunderlich, advogado e professor de Direito Penal Empresarial. Ele conheceu o Beco na rua Riachuelo, no início dos anos 1990, quando começou a montar uma biblioteca jurídica para advogar e lecionar. Ali encontrou Peter. Mesmo quando o escritório mudou do Centro para o Moinhos de Vento e as visitas ficaram menos frequentes, o contato continuou.

"Ele conhecia os livros e sabia todas as suas localizações nas largas prateleiras", lembra Wunderlich. Para o professor, o sebo participou da formação de muita gente do Direito de sua geração. A família aprendia a lidar com bibliotecas recém-adquiridas enquanto os clientes encontravam ali material para construir as suas. "Sou um cliente de três décadas. E sempre fiz propaganda do Beco, por entender que a venda de livros usados não é só um negócio, é a continuidade de uma rica tradição da leitura do livro físico. Por isso sempre vi o Beco dos Livros como um santuário, um templo de devoção à literatura", diz Wunderlich.

Entre as tarefas diárias de Peter estava examinar e preparar os livros. O valor ficava registrado no exemplar e era o mesmo para todos, mas havia espaço para desconto conforme a necessidade de quem comprava.

O trabalho, contudo, também passou por períodos em que o encontro presencial ficou suspenso. Durante a pandemia, Peter continuou realizando tarefas dentro da loja, sem o movimento que costumava animá-lo. Para Melissa, que vê o pai como alguém cuja vida se organizava em torno dessas interações, aquele isolamento foi particularmente difícil. Havia livros para cuidar, mas faltavam as pessoas com quem ele dividia o dia. As vendas pela internet ajudaram a sustentar o negócio nas interrupções da pandemia e da enchente de 2024, conforme os filhos relatam. O Beco já comercializava livros online há bastante tempo.

Durante as enchentes, na loja da Andradas, os degraus da entrada impediram que a água avançasse para o interior. No relato dos filhos, Peter havia insistido em manter o piso mais alto durante a reforma, apesar da resistência da arquiteta à escada no acesso. A escolha acabou se demonstrando certeira. Quando voltou ao Brasil em 2025, Melissa se impressionou com a recuperação da parte do Centro que pôde visitar. O pai estava novamente no território onde queria estar.